

Memória e acervo: da trajetória de um projeto de extensão à constituição de um memorial

André Luis Ramos Soares *

Cristiéle Santos de Souza **

Anita Estephane Vargas de Lima***

Resumo

O Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória – NEP - da Universidade Federal de Santa Maria desenvolve um projeto de pesquisa sobre a imigração japonesa na cidade. A partir de entrevistas com os imigrantes, observou-se a invisibilidade desta comunidade no Estado do Rio Grande do Sul. Consciente da indissociabilidade entre pesquisa e extensão, o NEP realizou a 1ª Exposição em homenagem à Imigração Japonesa em Santa Maria, Rio Grande do Sul, comemorando os 50 anos de chegada dos nipônicos na cidade e 100 anos no Brasil. A exposição, de caráter temporário e realizada em um espaço cedido pela Secretaria de Cultura do município, contava a saga de um grupo de pessoas que sonhava com o enriquecimento rápido, mas que acabou trabalhando de forma semiescrava na cidade de Uruguaiana, fronteira oeste do estado. O sucesso da exposição levou o NEP a entrar em contato com outras instituições de cultura japonesa no estado para tomar a iniciativa de viabilização de um memorial de cultura japonesa, uma vez que o próprio estado do Rio Grande do Sul não conta com um museu ou instituição equivalente para a preservação da história da imigração nipônica.

Palavras-chave: Imigração japonesa, Santa Maria, RS. Exposição comemorativa, Santa Maria, RS. Memorial, Santa Maria, RS.

Memory and heap (or pile): from the trajectory of a extension project to the constitution of a memorial

Abstract

The Study of Heritage and Memory - NEP - the Federal University of Santa Maria develops research project about the japanese immigration in Santa Maria. From interviews with immigrants, realized the invisibility of this community in the state of Rio Grande do Sul. Aware of the undissociability between research and extension,

the NEP has made the first exposition in honor of Japanese Immigration in Santa Maria, Rio Grande do Sul, celebrating 50 years of the arrival of the japanezes in the city and 100 years in Brazil. The exposition, temporary, and conducted in a space provided by the Secretariat of Culture of the city related the history of a group of people who dream with the quickly enrichment, but that ended up working on a semi-slave way in the city of Uruguaiana, west border of the State. The success of the exposition made the NEP to contact with other institutions of Japanese culture in the state to take the initiative of viabilization of a memorial to Japanese culture, once the actual state of Rio Grande do Sul does not have a museum or institution equivalent to preserving the history of the Japanese immigration.

Key-words: Japanese immigration, Santa Maria, RS. Exhibition, Santa Maria, RS. Memorial, Santa Maria, RS.

O projeto de pesquisa

No ano de 2007, o Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória da Universidade Federal de Santa Maria deu início a um projeto que visava registrar e salvaguardar as fontes concernentes à história e à memória dos imigrantes japoneses da região central do estado do Rio Grande do Sul (1). O projeto intitulado “Resgate da História e da Memória das famílias japonesas em Santa Maria, RS: 1958-2008”, ainda em vigor, surgiu da necessidade de preencher uma lacuna na historiografia sulriograndense referente à imigração nipônica e, também, de contribuir para o direito de acesso às fontes históricas de grupos minoritários.

O grupo pesquisado foi a primeira leva de imigrantes planejados a viajarem diretamente do Japão ao Rio Grande do Sul. O governo japonês estimulou a migração como alternativa aos problemas recorrentes da guerra, como a superpopulação, a inflação e a escassez de alimentos e infraestrutura para grande parte da população. Os países que abriram as portas para a Terra do Sol Nascente precisavam de braços para a agricultura e técnicos para a indústria. Para os japoneses, a migração significava sair do país por três ou quatro anos, reunir o maior volume possível de dinheiro e retornar ao Japão, fenômeno conhecido como ‘trabalho temporário’, ou *dekassegui*, em japonês.

Era o ano de 1955. Naquela época, como era logo após a guerra, a economia estava melhorando, mas era só um pouco. Eu estava trabalhando numa granja de matrizes do Nagano e meu salário de iniciante era de 4000 ienes. Era pouco mais que dez dólares. Dava só para a comida do dia. Naquela época, uma calça custava 3000 ienes. Agora também, não é?.(IGUCHI-SAN, 2008). (2)

Com os imigrantes chegados em 2 de abril de 1957 não foi diferente. Das cinquenta famílias, trinta e três foram destinadas à Fazenda São Pedro na cidade de Uruguaiana, e dezessete para a colônia de Ernestina. A Fazenda São Pedro contratou os imigrantes para a lavoura de arroz, mas os maus resultados da plantação, aliados às diferenças culturais e o não cumprimento de algumas cláusulas do contrato levaram ao seu rompimento. Este previa que:

1§ - A área dos lotes será decidida de acordo com a capacidade dos imigrantes, porém nos casos de cultivo de arroz, serão fornecidos terrenos de 10 (dez) a 15 (quinze) acres para cada família. 2§ - O prazo do contrato empregatício é de quatro anos completos. O período do primeiro ano de produção terá sistema salarial, com o fim deste, os imigrantes tornar-se-ão arrendatários. (O ano de produção começa em outubro.) 3§ - No sistema salarial, o salário será de 70 cruzeiros (setenta cruzeiros) por dia para homens adultos e de 40 cruzeiros (quarenta cruzeiros) a 60 cruzeiros (sessenta cruzeiros) para mulheres e menores de idade. (SÃO PAULO SHINBUN, 1957). (3)

Sem recursos e com dívidas, os imigrantes desejavam rever o acordado, o que não foi aceito pelo dono da fazenda, o ex-embaixador João Batista Luzardo. Com o agravamento da situação, os imigrantes buscaram ajuda com a colônia japonesa do estado de São Paulo, que iniciou uma campanha junto ao jornal *São Paulo Shinbun* para arrecadar fundos e quitar as dívidas dos seus conterrâneos. Graças à campanha foi possível reunir os recursos para o pagamento das dívidas na fazenda São Pedro, possibilitando, assim, que os japoneses pudessem sair do regime de colonato.

Diante do rompimento do contrato, o responsável pela imigração, Mitori Kimura, entrou em contato com o prefeito em exercício da cidade de Santa Maria, coronel Deocleciano Dornelles, que aceitou o encargo de trazer os japoneses de Uruguaiana para as lavouras locais. Assim inicia-se a trama que completou 50 anos no dia 23 de

março de 1958, quando quatro vagões, trazendo 25 famílias de imigrantes, desembarcaram na estação férrea de Santa Maria.

A política de extensão da UFSM

A pesquisa desenvolvida demonstrou a presença nipônica em diversas cidades do Rio Grande do Sul. Infelizmente, devido à comunidade *nikkei* (4) ser de pouco mais de quatro mil pessoas em todo o estado, esta etnia passa despercebida em sua contribuição cultural e relevância social. Embora as políticas públicas deem respaldo às ações extensionistas que atinjam as minorias étnicas, por uma série de fatores os japoneses e seus descendentes ficam alheios a este processo por serem considerados um grupo ‘não marginal’, e sua invisibilidade não tem sido considerada objeto de ações de resgate de história e valorização cultural.

Muito provavelmente pelo fato de o estado do Rio Grande do Sul ainda ser considerado ‘branco’ e ‘europeu’, existe muito a ser conquistado em relação à visibilidade e relevância de ações que envolvam outros grupos étnicos, como os afrodescendentes, e os oriundos de asiáticos e os povos do médio oriente, entre outros.

Neste sentido, nossas atividades universitárias de extensão colocam-se como um canal institucional de diálogo com as demandas internas destas comunidades e, ainda, da sociedade. Neste diálogo, são observadas as demandas sociais e culturais, abrindo mão do paternalismo assistencialista e construindo um projeto que seja desenvolvido junto e pelos japoneses e nipobrasileiros, por meio da associação que os representa (Associação Nipo-Brasileira de Santa Maria – *Nihonjinkai*). É neste sentido que a política extensionista “propugna a interação, parcerização e ações pró-ativas com a Sociedade”. (5)

A política da extensão da UFSM, recentemente aprovada

[...] orienta-se pelos critérios da indissociabilidade das áreas do ensino, pesquisa e extensão, que objetiva proporcionar à sociedade aportes de conhecimentos destinados a superar os entraves de seu desenvolvimento e/ou de complementaridade às suas necessidades cotidianas. (6)

Em nossa percepção, as atividades de preservação, resgate e registro de sistemas socioculturais derivados da imigração, que são formas diversas perpetuadas em nosso território, são objetos de atividade extensionista dignos de programas de médio e longo prazo. No caso da imigração japonesa na cidade de Santa Maria, as dezessete famílias guardam objetos e memórias que estão se perdendo com o tempo. Isto é ainda mais acentuado na medida em que não há um espaço de preservação ou guarda destes patrimônios materiais e imateriais.

Ora, no momento em que buscamos dar vez e voz aos invisíveis de nossa sociedade, cabe resgatar o conceito estabelecido pelo Fórum Nacional de Extensão, no qual a “Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre Universidade e Sociedade”. (7)

Trabalhando junto à comunidade, respeitamos os atores sociais, suas formas de ação e sua estrutura organizacional, as hierarquias internas e a distribuição de tarefas entre adultos e jovens, homens e mulheres. Este contato direto permite aos acadêmicos e professores compreender a sociedade japonesa de cinquenta anos atrás, em suas formas mais tradicionais, bem como o impacto da imigração no território gaúcho. Além de uma oportunidade única de observar uma sociedade em transformação, oportuniza o registro de histórias de vida, de memórias e de depoimentos sobre diversos temas. Por outro lado, viabiliza a guarda e documentação dos imigrantes vindos diretamente do Japão, com as particularidades dos imigrantes do pós-guerra.

A organização da exposição

Com o objetivo de homenagear os imigrantes de Santa Maria, e colaborando com as comemorações ligadas ao centenário da imigração japonesa no Brasil, o NEP-UFSM elaborou uma exposição temporária no Centro Ferroviário de Cultura, antiga estação férrea da cidade. A escolha do local deu-se justamente por que neste espaço, 50 anos antes, haviam desembarcado os imigrantes vindos de Uruguaiana. O centro ferroviário hoje abriga diversas oficinas, atividades, feiras e outras ações destinadas a ofertar, ao maior público possível, oportunidades de trabalho, capacitação

profissional e inclusão social. Neste mesmo espaço ainda se localizam o Museu Ferroviário de Santa Maria e o setor administrativo do mesmo.

A exposição aconteceu de 1º a 31 de março com entrada franca. As visitas eram de quarta-feira a domingo, no horário das 10 às 18 horas, sem fechar ao meio-dia. Com isso pretendia-se atingir o maior número possível de pessoas, uma vez que diversos museus e outras instituições similares estão abertos somente em horário comercial. A mostra contava com quatro monitores por dia, divididos em dois turnos.

O material da exposição era proveniente de empréstimo das famílias moradoras em Santa Maria e do Escritório Consular do Japão, em Porto Alegre. O evento contou com os seguintes apoios: Casa de Cultura de Santa Maria; Lei de Incentivo à Cultura do município e Comissão para a Comemoração do Centenário de Imigração Japonesa no Brasil.

O passo a passo da visita

O resgate da história dos japoneses na cidade de Santa Maria tinha alguns objetivos claros. Em primeiro lugar, dar visibilidade a uma comunidade pouco conhecida, uma vez que os primeiros imigrantes criaram uma transnacionalidade (CASTRO, 1994) que os define como japoneses no Brasil, isto é, ao contrário de assumirem a nova nacionalidade (de brasileiros ou japoneses **do** Brasil) consideram-se como “estrangeiros de passagem”, mesmo que não retornem mais ao Japão. Ao mesmo tempo, tínhamos a preocupação de realizar uma exposição que ultrapassasse a mostra de objetos, mas também levar à reflexão a respeito da cultura japonesa presente na cidade, embora tal cultura seja pouco conhecida. Os objetos, assim, poderiam constituir uma base de para a reflexão sobre o papel dos japoneses na sociedade santamariense e, ao mesmo tempo, para a discussão sobre o que sabemos e desconhecemos acerca da Terra do Sol Nascente. Por fim, pretendia-se que para os imigrantes japoneses a exposição representasse mais do que um evento, tornando-se um importante passo para o fortalecimento de sua identidade e um ambiente de recordação e saudade. Nesse sentido,

Organizados numa sala de exposição, tais objetos passaram a compor um texto de história, narrativa aberta para despertar reflexões sobre a nossa relação com o passado [...]: não há

objetivo de erguer uma glorificação da memória, e sim o intuito de fazer da memória um campo de estudos da história social. [...] é uma tomada de posição diante da multiplicidade de relações entre a memória e esquecimento na geração de conhecimento histórico. (RAMOS, 2004, p. 95).

Para auxiliar a compreensão da mostra, foi realizado um folder explicativo dos nichos que compreendiam a exposição. Através de mapas e outros recursos, buscamos retratar a passagem do tempo, a trajetória e a vida dos imigrantes após sua chegada no Brasil.

A exposição era aberta com um *banner* no qual constava uma foto dos imigrantes no momento do embarque no navio *Afurika Maru*. É importante salientar que a foto original possuía dimensões de 10 x 15 cm, sendo ampliada para 50 x 75 cm, o que permitiu que os imigrantes se identificassem, trazendo à tona diversas lembranças e situações do passado (FIGURA 1). Ainda na abertura da exposição outro *banner* mostrava a trajetória do navio japonês até o Brasil, e o mapa do Japão com as províncias emigrantistas. Estas memórias tinham importância fundamental à medida que, se por um lado trazia lembranças aos japoneses residentes no Brasil, por outro aproximavam os visitantes do objeto exposto, que eram as histórias e memórias destes personagens históricos.

Neste sentido, a exposição tentou evidenciar um pouco da trajetória dos imigrantes japoneses em Santa Maria, tendo como fio condutor suas memórias. No entanto, quando se trabalha com memória é preciso ter claro que se trabalha também com sentimentos. Cada recusa, assim como cada silêncio, é tão ou mais representativo para o pesquisador quanto uma narrativa. Lembrar nem sempre é uma tarefa fácil, menos ainda, ver suas memórias em evidência, como acontece em uma exposição. O simples fato de lembrar estes períodos muitas vezes é recordar um passado que se deseja esquecer. Como afirma Garbinato, nesse processo “[...] oscilamos entre vontades de lembrar e esquecer, comemorar e calar, mostrar e esconder; isto por que revisitar o passado nem sempre é uma ação agradável.” (GARBINATO, 2000, p. 40).

Em nosso caso, apresentamos as memórias nem sempre agradáveis do período em que viveram na Fazenda São Pedro, em Uruguaiana, que durou aproximadamente um ano. Para representar este período, criamos um núcleo que era dedicado à agricultura, pois foi por meio dela que os japoneses vieram para o Brasil desde 1908. Foi reconstituída uma área de plantação de arroz, com as roupas e instrumentos utilizados pelos japoneses na lavoura. Como pano de fundo deste núcleo, foi utilizada uma foto em preto e branco da área cultivada em Uruguaiana. Esta imagem possui extremo significado, pois apresenta ao visitante o palco onde ocorreu o trabalho imigrante. Noutra parede do núcleo, uma foto colorida com a lavoura mais recente, demonstrando a ocupação de muitos japoneses e descendentes na atualidade (FIGURA 2).

Além de apresentarmos este nicho enfocando a agricultura, característica marcante na história nipônica, também buscamos salientar alguns aspectos culturais da sociedade japonesa. Assim, o segundo nicho de exposição tratou da culinária tradicional, que tinha por objetivo salientar as diferenças existentes entre os pratos nipônicos e a culinária do observador brasileiro.

Nossa proposta partia do pressuposto de que era necessária uma reflexão sobre cada módulo apresentado, de maneira que os monitores eram levados a fazer perguntas aos visitantes, em vez de explicar o conteúdo de cada nicho. Nesse sentido, entendemos que, apresentar o contraste entre a própria sociedade e a do outro, além de enriquecer sua percepção da realidade, busca também trabalhar a alteridade. Conforme Cândido explica, “Assim como a educação em museus deveria mais provocar que instruir, o princípio básico da interpretação é que devia apelar necessariamente a um traço de personalidade ou da experiência do visitante”. (CÂNDIDO, 2002, p. 71). É com esse intuito que a exposição era acompanhada de uma amostra fotográfica sobre o cinquentenário da imigração japonesa na cidade, desde a saída desses imigrantes dos portos de Kobe e Yokohama até os dias atuais, no qual o visitante podia observar momentos da trajetória e situação das famílias de origem japonesa na cidade (FIGURA 1). Os painéis estavam distribuídos da seguinte forma:

- Porto de Kobe e Yokohama, Japão: fotos do embarque no navio e a despedida dos familiares;
- A travessia no Afurika Maru: fotos do interior do navio, as formas de passar o tempo, o cotidiano da travessia;
- A breve Estada em Uruguaiana: fotos da Estância São Pedro, a recepção e as condições de vida;
- Chegada em Santa Maria: fotos da chegada no trem, e o estabelecimento das famílias na nova cidade;
- A recepção da cidade: fotos a partir de jornais que noticiaram a chegada, em português e japonês;
- Vivendo e trabalhando em Santa Maria: fotos das festas da comunidade e de trabalho na agricultura e comércio;
- Expressão cultural e Reconhecimento: fotos de participação da comunidade japonesa em eventos culturais na cidade e no Estado;
- Comemorações: fotos que registram as comemorações de 15, 40 e 50 anos de imigração;
- A integração com os Santamarienses: fotos dos cidadãos da cidade que participam da comunidade japonesa.

As fotografias utilizadas na exposição fazem parte da pesquisa sobre a imigração nipônica no município, desde seus preparativos para a viagem cruzando dois oceanos. Em todos os casos os proprietários autorizaram a utilização das fotografias.

Na sequência da exposição apresentamos outros núcleos. O vestuário, com quimonos masculinos e femininos, era acompanhado de reproduções de obras de arte japonesas (FIGURA 4), no caso em questão, seis quadros com reproduções da série de “trinta e seis vistas do Monte Fuji”, de Katsushika Hokusai (1823-1829). Este mesmo artista foi utilizado para a confecção do cartaz da exposição (FIGURA 5).

Outros pontos foram destacados na exposição, como a caligrafia (*shodo*), que no Japão tem status de arte e caminho espiritual, pois “Sho”, escrita, e “do”, caminho,

referem-se ao domínio das diferentes formas de escrita dos caracteres chineses e dos silabários japoneses. A educação tem papel fundamental na cultura japonesa, e no caso dos imigrantes, somente alguns filhos podiam estudar, enquanto outros ajudavam nos serviços agrícolas. A percepção do privilégio do estudo é retratada por pesquisadores como Cardoso (1995) que demonstra como a estrutura familiar e a hierarquia doméstica são fundamentais para o acesso à escolarização.

Um elemento importante que buscamos retratar foram as formas de lazer e entretenimento da sociedade japonesa, como o *Undokai*, gincanas esportivas realizadas no dia 1º de maio. Essas atividades só foram retomadas quando os japoneses conseguiram estabilidade financeira em Santa Maria, mediante a venda de produtos agrícolas para a cidade, ou com a formação de pequenas lojas, como lavanderias e floriculturas. Estas gincanas atraíam membros de todas as comunidades do Rio Grande do Sul, que competiam saudavelmente pela diversão. A importância dada a estas formas de entretenimento é retratada no trabalho de Ikari (2005), que demonstra as formas de reunião de lazer e seu papel para a manutenção da cultura e da organização social entre os imigrantes.

O acervo

A cultura e a memória de um grupo não se mantêm apenas no plano intangível, mas também, em tudo o que esse grupo construiu em bens tangíveis ao longo do tempo. Por meio da memória cria-se um vínculo de pertencimento entre a sociedade e a cultura material. A memória acaba açambarcando para si os bens materiais que a compõem, ao menos no imaginário dos integrantes de tal comunidade, o que faz com que ela reconheça esses bens como seus. Halbwachs afirma ainda que,

Não há memória coletiva que se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito, e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca. É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento, é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças. (HALBWACHS, 1990, p. 143).

Neste sentido, é importante salientar que a maioria dos objetos expostos pertencem às famílias de origem japonesa residentes em Santa Maria. A partir da pesquisa realizada com essas famílias ficou a dúvida sobre qual cultura material foi trazida do país de origem, quais objetos foram selecionados para permanecer nas famílias, e quais aqueles adquiridos depois como forma de preservação das memórias e da identidade cultural dos imigrantes.

É desnecessário realizar uma lista completa de objetos ainda presentes nas famílias, mas destacamos que desde as roupas de agricultura até os quimonos mais requintados fazem parte do acervo pertencente às mesmas. Trajes específicos, como os quimonos utilizados por meninos e meninas nas festas de três, cinco e sete anos ainda são utilizados, e preservados com muito esmero pelas famílias. Outros elementos característicos não puderam ser utilizados, como o oratório dedicado aos ancestrais. Embora muito característico dos imigrantes, nenhuma família se dispunha a passar 30 dias sem rezar para seus finados, e tampouco expor os nomes dos parentes nas tabuletas mortuárias que acompanham o oratório.

Da exposição para o memorial da cultura japonesa

A exposição sobre imigração japonesa na cidade de Santa Maria abriu um debate curioso entre os visitantes. Afinal, quantos são? Como vivem e quem são os japoneses residentes na cidade? Como a colônia passou despercebida durante 50 anos?

A pesquisa realizada no Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória sobre os imigrantes japoneses, seja através da análise dos arquivos como da revisão bibliográfica e das entrevistas com os nipônicos, levou-nos a buscar ampliar nosso campo de pesquisa, abrangendo não apenas a cidade de Santa Maria, mas o estado do Rio Grande do Sul, onde encontramos numerosos imigrantes vindos diretamente do Japão. Embora os estados de São Paulo e Paraná possuam grandes contingentes de descendentes de japoneses, perfazendo mais de oitenta por cento da população *nikkei*, ao contrario do estado sulriograndense, não podemos olvidar os outros estados que, com concentrações menores, não são menos importantes.

A intenção do Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória era, em princípio, realizar uma pesquisa de caráter histórico e, quiçá, antropológico, sobre a história e a memória dos imigrantes que chegaram há 50 anos. Ter em mãos a oportunidade de conversar diretamente com os japoneses que atravessaram o oceano e reconstruíram aqui suas vidas é uma experiência gratificante. Ao mesmo tempo, a pesquisa nas fontes documentais sobre a imigração japonesa é árdua, em face da dispersão dos poucos e raros documentos, da carência de pesquisas sistemáticas e da falta de um local adequado para concentrar esforços. Em se tratando de imigrantes, a morte de cada membro da comunidade é a perda de informações que não pode ser substituída ou reparada. Por outro lado, embora os estados de São Paulo e Paraná possuam grandes contingentes de descendentes de japoneses, perfazendo mais de oitenta por cento da população *nikkei*, não podemos olvidar os outros estados que, com concentrações menores, não são menos importantes.

A criação de um museu ou memorial busca ampliar os espaços dedicados à pesquisa histórica. Assim, estabelece mais do que um espaço de celebração do passado, mas também um local de reflexão crítica. Desta forma o memorial pode vir a ser, como refere Varine, “o espaço onde as noções de passado e futuro desaparecem, no qual tudo se passa no presente, numa comunicação entre o Indivíduo e a Humanidade, tendo por intermediário o Objeto.” (VARINE, apud CÂNDIDO, 2002, p. 70)

Assim como acontece com diversos grupos imigrados, traços da cultura japonesa estão se perdendo na medida em que passam os anos. Os motivos são os mais diversos, desde a mudança de hábitos no cotidiano até o distanciamento entre gerações. Neste sentido, o memorial seria o *link* necessário para conservar vivas as memórias desse grupo, considerando que a musealização dos objetos do cotidiano faz, destes fragmentos, materiais da memória e representantes do passado.

A criação deste memorial seria uma forma de conservação e preservação da memória de um grupo de pessoas, de suas lembranças, da trajetória dos imigrantes e, mais importante, de visibilidade de uma etnia pouco reconhecida no estado. Como afirma Herreman,

Los museos tienen un papel fundamental que desempeñar en este proceso como mediadores, educadores, conservadores y divulgadores que promueven la comprensión de la cultura mundial y la valoración de cada una de las existentes. (HERREMAN, 2000, p. 33).

Porém, se por um lado existe o acervo e o público, não existe ainda o prédio para assentar o tripé sobre o qual o museu está assentado, segundo Giraudy & Boulhet (apud. POSSAMAI, 2000, p. 13-24).

Mesmo que existam tratativas para a implantação de um memorial para a cultura japonesa na cidade, não se trata de um mero local para depósito de relíquias de famílias ou culto de antepassados. Mesmo reconhecendo a importância das memórias únicas de cada um dos imigrantes, não se tem a pretensão de preservar somente por guardar os registros. Nas palavras de Bruno:

Os museus não são almoxarifados da realidade, nem lugares de coisas velhas e sem vida, como também não são templos para consagração de alguns poucos indivíduos. As instituições museológicas não são negócio empresarial ou escola, nem clube recreativo ou igreja. (BRUNO, 2002, p. 88).

Por outro lado, também, não é somente uma memória excluída que se procura registrar e expor, mas principalmente aguçar a percepção de alteridade em uma cidade constituída por imigrantes de diversas nacionalidades, mas que por força da tradição evidencia, na maior parte das vezes, os europeus, marcas do eurocentrismo inconsciente ainda praticado. Em uma cidade que tem registros de judeus, palestinos, libaneses, turcos, japoneses, chineses, entre tantos outros, ainda persiste a xenofobia ao não europeu.

Por isso esperamos em breve poder noticiar a criação de um memorial da cultura japonesa no Rio Grande do Sul. Mais do que “apenas mais um museu”, um espaço de reflexão e construção da cidadania de uma cidade que, historicamente, tem abrigado pessoas dos mais longínquos lugares do Brasil e do mundo para construir suas histórias.

Anexo - Imagens



FIGURA 1 – Imigrantes se reconhecem 50 anos depois do dia da partida do Japão. Foto: Acervo NEP-UFSM, autoria Francelle Cocco.



FIGURA 2 – 1º nicho da exposição, dedicado à agricultura. Foto: acervo NEP-UFSM, autoria André Luis R. Soares.



FIGURA 3 – Exemplo de culinária japonesa: contraste com a gastronomia gaúcha. Foto: acervo NEP-UFSM, autoria André Luis R. Soares.



FIGURA 4- Quimono e a arte da caligrafia. Foto: acervo NEP-UFSM, autoria André Luis R. Soares.

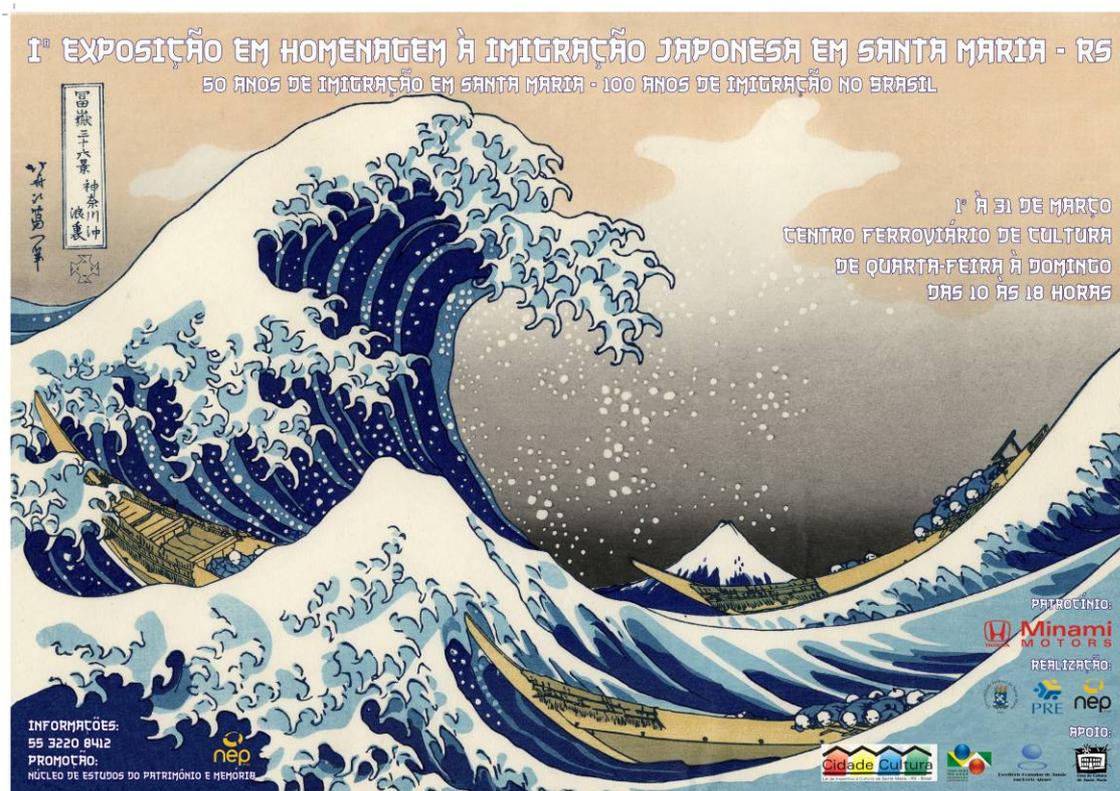


FIGURA 5 – Cartaz da exposição em homenagem à Imigração japonesa. Arte Final: Cássio Lemos.

Notas

- (1) O Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória da Universidade Federal de Santa Maria desenvolve projetos de pesquisa, ensino e extensão há dez anos, nas mais diversas regiões do estado do Rio Grande do Sul. Dentre as temáticas abordadas estão: educação patrimonial, capacitação de professores, criação de materiais lúdicos, História Oral e Arqueologia.
- (2) Trecho da entrevista realizada durante o projeto de pesquisa, ainda não publicado.
- (3) Reportagem do jornal São Paulo Shinbun.
- (4) São os imigrantes japoneses e seus descendentes que vivem no Brasil.
- (5) Política de Extensão da UFSM, Pró-Reitoria de Extensão, Santa Maria, UFSM, dezembro de 2007. página 02.
- (6) Idem nota anterior, página 03.
- (7) Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (FORPROEX), organizado por Edison José Corrêa, sob a Coordenação Nacional do FORPROEX. Belo Horizonte: Coopmed, 2007.

Referências Bibliográficas

- AIDAR, Gabriela. Museologia e inclusão social. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 31, p. 53-62, jan./jun. 2002.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. A museologia como pedagogia do patrimônio. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 31, p. 87-97, jan./jun. 2002.
- CÂNDIDO, Manuelina Maria Duarte. Conceitos e preposições presentes em Vagues, a Antologia da Nova Museologia. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 31, p. 63-76, jan./jun. 2002.
- CARDOSO, Ruth Corrêa Leite. *Estrutura familiar e mobilidade social: estudo dos japoneses no Estado de São Paulo*. São Paulo: Primus - Comunicação, 1995.
- CASTRO, Marco Luiz de. Entre o Japão e o Brasil: a trajetória do imigrante. *Estudos Japoneses*, São Paulo, n. 14, p. 73-92, 1994.
- CHAGAS, Mário. Cultura, patrimônio e memória. *Ciências & letras*, Porto Alegre, n. 31, p. 15-29, jan./jun. 2002.
- GARBINATTO, Valeska. Ensino de história e patrimônio histórico: pontes para a construção da memória e cidadania. *Ciências e Letras*, Porto Alegre, n. 27, p. 37-48, jan./jun. 2000.
- HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HERREMAN, Yani. Turismo cultural, patrimonio y museos en América latina: un enfoque humanista. In: MUSEOS, PATRIMONIO Y TURISMO CULTURAL, 1., 2000, Trujillo (Perú), La paz (Bolívia). *Anais...[s.l.]*: ICOM, [s.d.]. p. 33.
- IKARI, Luci Tiho. Lazer do imigrante japonês no Brasil. *Estudos Japoneses*, São Paulo, n. 25, p. 71-80, 2005.
- POSSAMAI, Zita Rosane. A pesquisa no museu. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 31, p. 77-86, jan./jun. 2002.
- RAMOS, Francisco Régis. *A danação do objeto*. Chapecó: Argos, 2004.
- SÃO PAULO SHINBUN, 1957.
- STORCHI, Ceres. O espaço das exposições: o espetáculo da cultura nos museus. *Ciências & Letras*, Porto Alegre, n. 31, p. 118-127, jan./jun. 2002.

Crédito

* Professor Adjunto do Departamento de História da Universidade Federal de Santa Maria, Doutor em Arqueologia pela Universidade de São Paulo. Coordenador do Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória – NEP – UFSM
e-mail: alrsoaressan@gmail.com

** Acadêmica do Curso de História da Universidade Federal de Santa Maria, estagiária do Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória e bolsista FIPE-UFSM.

e-mail: cristiele.hst@gmail.com

*** Acadêmica do Curso de História da Universidade Federal de Santa Maria e estagiária do Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória.

e-mail: anita.historia@gmail.com